

UM PINTO NA SELVA

COMÉDIA EM TRÊS ACTOS

Original de:

C O S T A F E R R E I R A

-.-

5
134
92

PERSONAGENS

- pela ordem de sua entrada em cena -

MIRQUILINA

SEBASTIÃO

UM PINTO NA SELVA

MARCEL

LUÍSA

COMÉDIA EM TRÊS ACTOS

Original de:

MIRIAM

COSTA FERREIRA

-.-

A acção decorre em Lisboa. Actualidade.

PERSONAGENS

- pela ordem de sua entrada em cena -

MIQUELINA

SEBASTIÃO

ACTO PRIMEIRO
MANUEL

LUÍSA

VASCO

DR. CARMO

LUCIANO

ACTO I

Sala de um apartamento pequeno num grande prédio moderno. A D. ampla janela baixa e larga, que tem nos vidros ainda o sinal de terem sido arrancados há pouco os escritos. Ao F. D., porta que se supõe comunicar com a cozinha, mas que quando se abre se vê que fecha apenas um grande armário que serve de cozinha e onde está instalado um pequeno fogão eléctrico. Ao F. porta larga para o quarto. A E. B. porta para a escada.

As paredes têm sinais de quadros que foram retirados, sobre os quais há buracos de pregos. Não há móveis em cena, apenas a meio há um grande caixote com livros e um banco velho de cozinha a um canto; no chão há jornais amachucados. Na parede do fundo, escrito a carvão, lê-se o seguinte letreiro: "NÃO TEMOS DINHEIRO PARA PAGAR".

O pano sobe sobre a cena vazia. Instantes depois ouve-se da E. o ruído de vozes da Sr.ª Miquelina, porteira e do Sr. Sebastião, trolha. Uma chave abre a porta da esquerda e entra a Sr.ª Miquelina com um balde e uma vassoura e o Sr. Sebastião com os seus apetrechos.

MIQUELINA

Isto é uma cambada, Sr. Sebastião. Se visse a mulher...quando saía não lhe faltava nada, desde as "argentêes" aos sapatos de camurça. Põe-se a andar e deixa a casa neste estado.

SEBASTIÃO

(Lendo) "Não temos dinheiro para pagar"

MIQUELINA

'Tá a ver o descaramento?!...

SEBASTIÃO

'Tralmente não tinha mesmo.

MIQUELINA

Isso não é razão para borrarem as paredes desta maneira. (Com um esfregão começa a apagar o letreiro)

SEBASTIÃO

Quanto é a renda duma coisa destas?

MIQUELINA

Se eles pagassem era um conto e quinhentos. Mas isto são aves de arribação; pagam o sinal, metem aqui meia dúzia de tarecos e pronto.

SEBASTIÃO

E o senhorio não os põe na rua?

MIQUELINA

Nunca tem tempo para isso... Quando cá chega já eles se puseram a andar mesmo nas minhas bochechas, e eu não dou por nada!... Isto é uma canalha que só quer dinheiro para luxos.

SEBASTIÃO

Estes deixaram um caixote.

MIQUELINA

Nem isso, esse caixote é já do novo inquilino que chega hoje... Este quando viu a casa quis obras e foi por isso que eu o chamei.

SEBASTIÃO

Para fazer o quê?

MIQUELINA

Tapar esses buracos... Ainda por cima os outros tinham mais quadros que testões.

SEBASTIÃO

E não há mais nada para fazer?

MIQUELINA

Mais nada.

SEBASTIÃO

(Começando a trabalhar) São então estas as obras...

MIQUELINA

Chegam muito bem. Se o novo for como os dois últimos nem isto merece...

SEBASTIÃO

A vida 'tá difícil, Sr.^a Miquelina.

MIQUELINA

A quem você o diz... 'Tá difícil para quem trabalha. O casalinho que saíu daqui levantava-se ao meia-dia e só lá p'rás três horas da manhã é que vinha para casa.

SEBASTIÃO

O que é que eles faziam?

MIQUELINA

Nada...parece que eram actores. Se isso é modo de vida!

SEBASTIÃO

Lá isso...se eram actores trabalhavam.

MIQUELINA

Ora, era mais o tempo que estavam desempregados...Se é que estar p'ráli a palrar se chama trabalho...(Torcendo o esfregão) Aquilo que eles faziam faço eu todos os dias de graça...

SEBASTIÃO

É preciso ter jeito.

MIQUELINA

Para quê?...Para falar?...Isso aprende-se em pequenino sem se dar por isso...Estes não cantavam nem dansavam, era só falação. (Lavando os vidros) Ora para falar ninguém me leva a palma...E ainda encero a escada toda, despejo os caixotes do lixo, faço a comida e trato do meu homem...Aquilo é tudo uma súcia...Vão ali para o palco tagarelar das vidas alheias e no fim do mês ainda levam algum para a paródia...O que é preciso é não ter vergonha na cara...Estes que cá estavam, uma vez deram-me um bilhete para mim e para o meu homem...Fomos lá...Ora, antes tivéssemos ficado na cama a dormir.

SEBASTIÃO

Não prestava?

MIQUELINA

Então aquilo tinha lá alguma graça?...Uma casa como a de toda a gente, um casal à briga como todos os que há p'rá'í...Pff...Uma pecegada, Sr. Sebastião. P'ra ver aquilo basta ir a casa da do primeiro direito que descompõe o palerma do marido todas as manhãs.

-4-

SEBASTIÃO

Isto estava a pedir era uma pinturinha...

MIQUELINA

Ora, ora...Eles depois enchem outra vez as paredes de bonecagem e lá se foi o dinheiro da pintura.

(Levantando uma tábua que se descolou) SEBASTIÃO Ora, livralhada...Mas a Sr.^a Miquelina não disse que eles vinham hoje?

MIQUELINA

Disse... mas livro e lenço e título sem dificuldade) O subcon-

SEBASTIÃO
E então a mobília?

MIQUELINA

Naturalmente vem tudo junto.

SEBASTIÃO

Já são seis horas...

MIQUELINA

O homem é um trinca espinhas com cara de maluco.

SEBASTIÃO

E tem mulher?

MIQUELINA

Eu cá não a vi, mas o homenzinho não se fartava de falar nela...
Fôs-se para aí a discorrer sôzinho...Aqui neste cantinho a pol-
trona da minha mulher...ali a cómoda da minha mulher...aqui o
"toilette" da minha mulher...

SEBASTIÃO

Pelos vistos é tudo da mulher dele...

MIQUELINA

E quando ela vier, ela faz, ela acontece, ela arranja...Não fa-
lava noutra coisa.

SEBASTIÃO

Se calhar são noivos.

MIQUELINA

A única coisa que trouxe foi este caixote. diabo para berrar
'vê por ali...bem se vê que é filha do seu pai...O Sr. Sebastião

SEBASTIÃO

(Examinando-o) O que é que isto terá dentro?

MIQUELINA

(Levantando uma tábua que está despregada) Ora, livralhada...Mais
outro pelintra.

SEBASTIÃO

(Fegando num livro e lendo o título com dificuldade) O subconsciente do es...qui...do esqui...zo...esquize!...Frénico! Esquizefrénico! Qu'ê que será isto?

MIQUELINA

É capaz daquele lingrinhas ser doutor!

SEBASTIÃO

Naturalmente isto é alguma doença.

MIQUELINA

Ora, eles têm a mania de chamar nomes que ninguém entende, às coisas mais simples...Naturalmente é um desses sarampos d'agora...

SEBASTIÃO

Pronto! Isto é o melhor que se pôde arranjar...Só ficava bem se se pintasse tudo.

MIQUELINA

Para quem é, bacalhau basta. Agora ali no quarto, Sr. Sebastião. Fizeram buracos em tod'ó lado. (Sebastião sai pelo F.)

VOZ DE SEBASTIÃO

Ena pai! Aqui o caso é mais sério.

VOZ DE RAPARIGA

Mãe!...Oh! Mãe!...

MIQUELINA

Lá está a minha 'Estrudes aos berros.

VOZ DE RAPARIGA

Oh! Mãe!...

LUÍSA

MIQUELINA

(Apanhando o lixo numa pá) Lá vou...Aquele diabo para berrar 'tá por ali...bem se vê que é filha do seu pai...O Sr. Sebastião quando acabar fecha a porta à chave e traz-me a chave para baixo se faz favor.

VOZ DE SEBASTIÃO

Esteja descansada. (Miquelina fecha a porta do F.)

VOZ DE RAPARIGA

Oh! Mãe!...Vossemecê vem ou não vem? Então tu não queres ir ver o Marquês de Pombal?...

MIQUELINA

(Saindo pela E. com os seus apetrechos) Aquele diabo ainda me leva uma estalada que fica uma hora a ganhar. (A porta da E. fica aberta. Instantes depois ouve-se o barulho do elevador chegar, abrir e fechar a porta).

VOZ DE MANUEL

É aqui.

VOZ DE LUÍSA

A porta está aberta.

LUÍSA

VOZ DE MANUEL

Deve ter sido a porteira. (Aparece MANUEL, entrando com o pé direito. Atrás dele vem LUÍSA que, quando vai a entrar, estaca com o grito dele)

MANUEL

Não!...

LUÍSA

(Recuando assustada) Ai!... e quando quisermos. (Brutalmente)

MANUEL

(Muito doce) Com o pé direito, meu amor!...Entra com o pé direito. (Luísa entra. Manuel mostrando a casa com um gesto circular) Aqui está a nossa casa! (Luísa fica imóvel, atónita, junto da porta) Tem uma janela para a rua, até se vê o Marquês de Pombal! (Apontando a porta da E.) Aqui é a cozinha...e ali... (Apontando o F.) ...ali é o nosso quarto...